

OS JOGOS OLÍMPICOS RIO/2016 COMO EVENTO ESPORTIVO NA COBERTURA ESPORTIVO-MIDIÁTICA DA FOLHA DE SÃO PAULO

Recebido em: 01/07/2020

Aprovado em: 10/12/2020

Licença: 

*Dienifer Letícia de Freitas Rodrigues*¹

*Janaina Andretta Dieder*²

*Maurício Barth*³

*Gustavo Roese Sanfelice*⁴

Universidade Feevale

Novo Hamburgo – RS – Brasil

RESUMO: Este estudo teve como objetivo interpretar e analisar como o Jornal Folha de São Paulo retratou os Jogos Olímpicos Rio 2016 como evento esportivo na cobertura esportivo-midiática da Folha de São Paulo. Este artigo é resultado de uma pesquisa qualitativa descritiva, tendo como corpus o Jornal Folha de São Paulo, referente às edições de 1º de julho a 30 de setembro de 2016. A análise deu-se através de períodos temporais, de acordo com o que estava acontecendo em cada período. A cobertura do pré-evento muito se preocupou com o término das estruturas e se o país tinha condições de sediar JO. Por outro lado, a cobertura durante o evento mostrou que o país tinha condições de sediar megaeventos. Por fim, a cobertura do pós-evento retratou o legado que os jogos deixaram para o país sede das Olimpíadas Rio-2016.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Olímpicos. Evento Esportivo. Cobertura Midiática.

RIO 2016 OLYMPIC GAMES AS A SPORTS EVENT IN THE SPORTS MEDIA COVERAGE OF *FOLHA DE SÃO PAULO*

ABSTRACT: This study aimed to interpret and analyze how the newspaper *Folha de São Paulo* portrayed Rio 2016 Olympic Games as a sports event in the sports media coverage of *Folha de São Paulo*. This paper is the result of a qualitative descriptive research, using as *corpus* the newspaper *Folha de São Paulo*, editions from July 1st to September 30th of 2016. The analysis was carried out through time periods, according to what was happening in each period. The pre-event coverage was really concerned about

¹ Acadêmica de Licenciatura em Educação Física, Universidade Feevale, Bolsista PROBIC de Iniciação Científica no grupo Análise dos Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais.

² Doutoranda bolsista CAPES/PROSUC no Programa de Pós-graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, Universidade Feevale, grupo de pesquisa Análise dos Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais.

³ Doutorando bolsista CAPES/PROSUC no Programa de Pós-graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, Universidade Feevale, grupo de pesquisa Análise dos Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais.

⁴ Doutor em Ciências da Comunicação, Coordenador do Programa de Pós-graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, Universidade Feevale, coordenador do grupo de pesquisa Análise dos Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais.

the structure completion and whether the country was ready to host the OG. On the other hand, the coverage during the event showed that the country had the ability to host mega-events. Lastly, the post-event coverage portrayed the legacy that the games left to the host country of Rio 2016 Olympics.

KEYWORDS: Olympic Games. Sports Event. Media Coverage.

Introdução

Os Jogos Olímpicos (JO) tiveram sua primeira edição em 1896. No entanto, Pierre de Coubertin foi quem reelaborou os Jogos Olímpicos da Era Moderna, buscando respeitar o calendário grego que teve sua origem na Grécia Antiga, onde estruturou os JO no período de quatro em quatro anos (RUBIO, 2010). Os JO são considerados como um evento esportivo com grande repercussão no mundo, tanto pelo seu valor simbólico quanto pela dimensão material, que acaba sendo movimentada pela sua organização, sendo divididos em Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno (RUBIO, 2005).

Atualmente os JO são classificados como megaeventos esportivos. Segundo Taffarel; Santos e Silva (2013), os megaeventos esportivos são grandes acontecimentos que envolvem ao seu redor um conjunto de pessoas e fatores, movimentando países, governos e suas economias, servindo como estímulo para a população em geral. Este fenômeno caracteriza-se como um dos acontecimentos mais significativos, relevantes e complexos da sociedade contemporânea. Os eventos esportivos no Brasil viabilizaram a chamada década do esporte, em 2007, com a realização dos Jogos Pan Americanos do Rio, passando pela Copa do Mundo de futebol no Brasil/2014, até chegar aos Jogos Olímpicos (JO) do Rio de Janeiro/2016. Ainda que a literatura considere apenas os JO como megaeventos esportivos, o Brasil faz parte da agenda da mídia internacional em função da cobertura dos eventos supracitados (TOLEDO; GRIX; BEGA, 2015).

Nessa perspectiva, Mezzaroba e Pires (2011) afirmam que seu destaque resulta em grande parte da cobertura midiática, por sua capacidade de construir sentidos conforme o

interior de cada cultura. A presença dos Jogos Olímpicos no Brasil, no ano de 2016, fez com que o mundo, de certa forma, voltasse sua atenção para o país. Este evento trouxe uma responsabilidade enorme tanto para quem estava acolhendo o evento quanto para o Comitê Olímpico Internacional (COI), responsável pela organização do evento e de toda a infraestrutura, para que fosse possível sediar os JO e ter espaços adequados para a realização deste grande acontecimento. Segundo COI, no decorrer dos Jogos Olímpicos, a audiência aumentou, chegando a 3,5 bilhões de telespectadores que assistiram a pelo menos um minuto do evento. A Olimpíada teve cobertura colossal de canais de TV aberta e fechada. Conforme Sanfelice (2010), o campo esportivo está interligado a meios de comunicação. Sendo assim, tem mais facilidade de se difundir, pelo fato de ter mais visibilidade a partir da mídia Sanfelice.

Taffarel; Santos e Silva (2013) caracterizam, em um dos seus estudos, os megaeventos esportivos: determinação da economia política, implicações didático-pedagógicas e rumos na formação humana nas aulas de Educação Física, como um dos acontecimentos mais significativos em relação a estes grandes eventos. Segundo Damo (2011) aponta em seu estudo sobre produção e consumo de eventos esportivos – apontamentos em perspectiva antropológica, os espetáculos esportivos podem ser comparados com bens simbólicos. De certa forma os megaeventos esportivos carregam junto consigo, além de questões táticas e técnicas, uma visibilidade de ser um grande negócio.

Conforme García (2004), os representantes municipais de cada cidade costumam argumentar que um evento como, por exemplo, os JO trazem inúmeros benefícios para as comunidades locais, ou seja, uma forma de melhorar a estrutura da cidade, indo ao encontro das necessidades da população local, rede de transporte, moradia, instalações esportivas e novos postos de trabalho. Além disso, há o aumento do número de turistas e

isso movimenta a economia e gera empregos. As cidades que sediam os JO têm se constituído através de lugares capazes de ser reconhecidos como de importância no cenário mundial ou regional, o que as tornam representativas no contexto da competição. As cidades devem abrigar uma grande população e realizar diferentes atividades simultaneamente, sabendo utilizar diversos espaços, como os centros urbanos, por exemplo. Em decorrência destas condições, as cidades abrigam importantes representantes de capital internacional, os mesmo que são capazes de proporcionar o apoio necessário para tal realização.

Visando a importância que os megaeventos carregam consigo e a relevância de desenvolver estudos sobre os JO, para melhorar a organização e o conhecimento das pessoas, sobre um assunto que envolve um conjunto de pessoas e fatores, o qual movimenta a economia. O presente estudo apresenta ser importante para o meio acadêmico, pelo fato de discutir, ampliar e refletir os conhecimentos acerca do Jogos Olímpicos, como evento esportivo. Desta forma o presente estudo irá utilizar a cobertura esportivo-midiática que o jornal Folha de São Paulo apresentou nos três períodos analisados (pré-evento; durante o evento; pós-evento) para realizar uma discussão teórica. Buscando trazer aos leitores do jornal o que os artigos científicos trazem no meio científico que tem relação com as reportagens apresentadas nestes três períodos analisados. A partir dos estudos realizado para desenvolver este artigo foi possível visualizar a carência de trabalhos com o tema “Jogos Olímpicos Rio/2016 como evento esportivo na cobertura esportivo-midiática da Folha de São Paulo”. No entanto foram realizadas pesquisas no site da Scielo, Revista Movimento, anais de congressos e em livros físicos e digitais, durante o período de junho de 2019 a março de 2020, a busca foi realizada, através de palavras chaves como, por exemplo; Jogos olímpicos; legado olímpico; cobertura dos JO; cobertura midiática JO. Desta forma a partir das palavras

chaves utilizadas foram encontrados artigos que tinham relação com a temática, sendo utilizado as partes relevantes a partir de fichamentos.

Metodologia

O método científico envolvido na construção deste estudo fundamentou-se através de uma pesquisa qualitativa descritiva, tendo como corpus o Jornal Folha de São Paulo referente às edições de 1º de julho a dia 30 de setembro de 2016, compreendendo o mês que antecedeu os Jogos Olímpicos Rio/2016, período em que o evento transcorreu e o mês posterior à sua realização. Além disso, foi utilizada neste estudo uma revisão bibliográfica, a fim de nortear a fundamentação teórica e reflexiva entre autores sobre a análise das imagens catalogadas durante a cobertura feita pelo Jornal Folha de São Paulo nestes três períodos. Esta analogia foi realizada através da Análise de Conteúdo de Bardin (2011). O presente estudo foi conduzido e sustentado por pressupostos metodológicos qualitativos de viés descritivo. Segundo Dijk (1990), esse referido método possibilita a execução da análise textual e visual suprimindo as estruturas do discurso em diversos níveis de descrição.

Assim, justifica-se a importância da utilização do método de pesquisa supracitado, pelo fato de levar em consideração as questões subjetivas da análise dos dados, perante a cobertura esportiva midiática que o Jornal Folha de São Paulo abordou durante as edições do pré-evento, durante o evento e pós-evento, que foram impostas conforme a demanda das imagens apresentadas durante a cobertura do jornal. Essas imagens foram interpretadas e analisadas desde o dia 1º de julho a 30 de setembro, porém foram separadas por períodos. Na discussão dos resultados, foi realizada uma organização das clipagens catalogadas de acordo com os assuntos que se tratou em cada período. Assim, é importante destacar, a partir da pesquisa qualitativa/descritiva, a liberdade de

descrever o que o jornal trouxe aos seus leitores neste período dos Jogos Olímpicos Rio/2016. Para tanto, essa análise foi dividida em três fases, conforme Bardin (2011):

Fase da pré-análise textual e temática: criada para organizar as ideias principais, referente à cobertura e como seria compreendida a leitura dos materiais escolhidos para a análise. Buscou relacionar os três períodos de acordo com o assunto abordado no desenvolvimento da análise das imagens e textos relacionados aos Jogos Olímpicos Rio/2016 como evento esportivo. Nesta fase, foram analisadas as imagens, os editoriais, os painéis, os títulos, as capas, as notícias, as notas e outros canais publicados nos cadernos do jornal Folha de S. Paulo: Caderno Opinião, Poder, Mundo, Mercado, Cotidiano, Esporte, Ilustrada, Turismo, Guia Folha, Folha Invest. Folha Corrida, Caderno Tec. e Folhinha.

Fase da exploração do material: definiu a construção das operações de codificação, considerando os recortes dos textos em unidades de registros, definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em períodos. Bardin (2011) define codificação como a transformação, por meio de recorte, agregação e enumeração, com base em regras precisas sobre as informações textuais, representativas das características do conteúdo.

Fase de tratamento dos resultados, inferência e interpretação: tratou de captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material analisado. Nessa etapa, foram comparados os dados encontrados nas reportagens do jornal e elaborada uma reflexão com o que os autores falaram sobre o assunto abordado nas reportagens. Os processos qualitativos possibilitaram efetuar uma verificação textual, levando em consideração o fundo contextual e as suas dimensões, que deram conta da constituição do discurso em distintos níveis de descrição. Segundo Dijk, essas dimensões contextuais ligam-se com essas descrições estruturais com características díspares do contexto,

como as técnicas cognitivas e as representações, ou os elementos socioculturais (DIJK, 1990).

A análise da cobertura esportivo-midiática da Folha de São Paulo deu-se através de períodos temporais, de acordo com o que estava acontecendo em cada período selecionado. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes períodos, criados a partir do material empírico analisado:

- 1. Pré-evento:** cobertura do período que antecedeu os JO, inferências catalogadas do dia 1º de julho até o dia 4 de agosto, um dia antes do acontecimento do evento.
- 2. Durante o evento:** período dos Jogos Olímpicos Rio/2016, que teve início no dia 5 de agosto e término no dia 22 de agosto, ou seja, a cobertura durante o evento como um todo.
- 3. Pós-evento:** cobertura do período do dia 23 de agosto a 30 de setembro, representando a cobertura pós-evento.

A seguir passamos à descrição e análise dos dados.

Resultado da Análise

Nos dados iniciais, apresentamos os resultados na dimensão de visualizar como as inferências surgiram ao longo da cobertura da Folha de São Paulo. A qual foram analisadas 102 inferências no período de coleta do Jornal Folha de São Paulo, referente às edições de 1º de julho a 30 de setembro de 2016. Para tanto, dividiu-se a cobertura da análise em três períodos, denominados pré-evento, durante o evento e pós-evento, como é possível analisar na contextualização.

De acordo com as reportagens interpretadas e analisadas na cobertura do **Pré-evento** dos Jogos Olímpicos Rio 2016, compreende-se que a cobertura do período que

antecedeu o evento. Sendo consideradas as inferências catalogadas desde 1º de julho até o dia 4 de agosto. No período de 34 dias, o jornal trouxe aos seus leitores mais notícias referentes à “organização geral dos jogos”, referindo-se às demandas que o COI impõe ao país sede e a organização que a cidade do Rio de Janeiro teve em relação ao evento.

Considerando o assunto que mais teve destaque na cobertura do pré-evento, ou seja, a organização geral dos jogos, é possível identificar que o Jornal Folha de São Paulo abordou, na reportagem do dia 19 de julho, página B2, que foram realizadas pesquisas sobre a realização dos Jogos Olímpicos no Brasil, faltando pouco mais de duas semanas para a abertura dos Jogos Olímpicos. Conforme os resultados desta pesquisa realizada com a população brasileira, 50% das pessoas entrevistadas estavam contra a realização dos jogos, levando em conta que, para 63% da população, sediar o evento iria trazer mais prejuízos que benefícios para o país.

Em concordância com a pesquisa realizada, Rocha (2017) relata que, quando se discute o conceito de legado, instiga-se entender todo um planejamento e uma visão maior, visando ir ao encontro do que a cidade e sua população necessitam, de certa forma fazendo com que a sociedade possa se beneficiar com a realização de um megaevento como são considerados os Jogos Olímpicos. Condiz com o que o autor se refere a reportagem que o jornal buscou trazer no dia 19 de julho, na página B2, a qual o jornal apresenta os aspectos pelos quais a população brasileira se preocupa, que vem ser preocupação com a economia do país e se o mesmo tem condições de sediar um evento como os Jogos Olímpicos Rio-2016. De acordo com Santos *et al.* (2015), sediar um megaevento exige estrutura financeira e um projeto bem organizado para que a sociedade possa se beneficiar em longo prazo deste acúmulo de experiências, desta forma deixando um legado para o país sede. Conforme Raeder (2008), o conceito de legados é definido por ser um grupo de bens materiais e imateriais que se aceitam como

permanência ao espaço que ocupam no meio social entre urbano decorrente das ações compreendidas e colocadas para que seja possível sediar um megaevento.

De acordo com Santos *et al.* (2015), a cobertura jornalística na Gazeta do Povo, relataram gastos públicos, aspectos políticos, culturais e sociais, priorizando discussões sobre infraestrutura, com um enfoque nos estádios e na mobilidade e segurança das doze cidades-sede. Através desta reflexão, nota-se a dimensão da força e a importância de reconhecer que é fundamental a base do conhecimento, manter a relação com o que já aconteceu no passado para que seja possível ter sucesso em organizar um evento grandioso como este megaevento que estava prestes a ser sediado na cidade do Rio de Janeiro. Visando outros aspectos, é necessário buscar entender que os legados podem ser individuais ou coletivos e que é preciso manter a participação e a mobilização dos diversos aspectos e pessoas que estão envolvidas na realização e organização de um evento grandioso como os JO. Assim, é possível dar continuidade ao processo de desenvolvimento e melhorias às cidades-sede dos Jogos Olímpicos.

De acordo com Poynter (2008), quando se refere a megaevento esportivo, envolve-se um processo de interações na qual instiga um conjunto de elementos e pessoas, que em algum momento acabam se cruzando e no fim interagindo em conjunto, por exemplo, esporte, política, cultura e mercado. Devido a esse contato entre profissionais envolvidos em cargos de suma importância, os megaeventos esportivos são considerados um meio de veículo para ampliar possibilidades do país que é sede desses megaeventos, agilizando o que precisa ser realizado que, muitas vezes, fica somente no planejamento. Isso faz com que o mundo visualize esta organização e, é através desta, organização e planejamento que há melhorias nas cidades, como habitação, transporte, segurança, convivência, educação, sucesso econômico etc. Dessa forma, há

oportunidades de legados, podendo beneficiar às pessoas se forem bem aproveitados (RIBEIRO; SOARES; DACOSTA, 2014).

Sediar os Jogos Olímpicos de certa forma proporcionou a oportunidade de o país ganhar muita visibilidade. Todavia, conforme Wagner-Petersen (2017), os Jogos Olímpicos geram muita ansiedade. No entanto, o Brasil superou-se pela situação turbulenta que o país passava, desde questões econômicas até questões políticas, uma vez que a presidente Dilma Rousseff estava prestes a ser afastada devido a um impeachment. Este fato marcou a imagem dos Jogos Olímpicos Rio/2016 por seus tumultos. O autor também relata que os JO sempre acabam sendo comparados com versões anteriores e suas organizações. Devido a este fator, quando outras edições dos jogos não atingem o esperado, a cobertura da mídia tende a ser negativa, como ocorreu durante o pré-evento, quando o país inteiro estava preocupado como o Brasil iria ser capaz de sediar um megaevento, devido à crise financeira e política que se encontrava (WAGNER-PETERSEN, 2017).

Apesar das controvérsias que o país passava, o COI e a prefeitura do Rio de Janeiro buscavam se organizar para proporcionar a todos envolvidos segurança, conforme apresenta a reportagem do dia 17 de julho, na página B2. Na ocasião, as forças armadas tiveram um ato de simulação de terrorismo na estação de trem Deodoro, principal acesso de torcedores às competições de “hipismo tiro” e “canoagem slalom”, buscando treinar as forças armadas caso acontecesse algum imprevisto que gerasse perigo à população envolvida no evento.

Na reportagem do dia 17 de julho na página B2, é possível identificar a existência de uma organização referente à segurança do evento, no entanto, o medo que ocorresse algum atentado predominava naquele momento pré-evento. Desta forma deixando como única opção aos envolvidos pela organização do evento, esperar para que o evento

ocorresse da forma correta como foi planejada e organizada. A Figura 1 do dia 17 de julho, página B2 a seguir apresenta como título ‘vamos torcer’, diz Nuzman, chefe da Rio-2016, sobre risco de atentado.

Figura 1: Reportagem Jornal Folha São Paulo do dia 17 de julho, página B2 2016a.

B2 esporte ★ ★ ★ DOMINGO, 17 DE JULHO DE 2016

Majestoso desigual

JUCA KFOURI

de
fo
go
pe
7
Bá
cã

CASA CHEIA em Itaquera, Corinthians com boas chances de terminar a 1ª rodada do Brasileirão na liderança, decimasseis em busca de quinta vitória seguida, contra um São Paulo em situação igual, sete pontos atrás, traumatizado pela eliminação na Libertadores, cansado por ter jogado no meio da semana em Medellín, sem Ganso, sem Kelvin, já sem Calvert, aparentemente morto. Al mora o perigo: aparentemente morto.

O São Paulo está ferido, mas não está morto e nada melhor que ganhar do maior rival para provar. O torcedor corinthiano irá ao estádio, e só ele, graças à nostalgia dos clássicos com torcida única, certo de que até verá uma goleada.

Talvez do tamanho do 6 a 1 do Brasileirão passado — quem sabe? Plana para refletir: naquela estranada tarde de domingo o Corinthians, campeão, perdeu vários de

seus titulares e nem era tão favorito. Como foi o São Paulo, em dezembro de 2012, quando perdeu os seus e derrotou o Corinthians, no Pacaembu, por 3 a 1.

O São Paulo se prepara para tentar ser campeão da Copa Sul-Americana contra o argentino Tigre e o Corinthians, completo, dava os últimos ajustes antes de embarcar para o Japão em busca do bicampeonato mundial de clubes da Fifa — ambos os objetivos plenamente alcançados.

Jogos bem recentes, aqui escolhidos para lembrar que a tradição do Majestoso tem incontáveis exemplos de vitórias de quem estava pior e se saiu melhor.

Que pode virar uma pratada na

O risco que o Corinthians corre é achar que o ferido São Paulo está morto. A tradição mostra que não

A lógica indica um triunfo abnegrado e a quinta derrota tricolor na Arena Corinthians, onde o amfiteatro perdeu apenas quatro vezes em 76 jogos.

Ou seja, caso o Corinthians vença, terá menos derrotas que o rival em sua casa. No Morumbi, são 49 vitórias corinthianas e 35 derrotas, com 55 empates.

Um prato cheio para as gonações pós-clássico.

Que pode virar uma pratada na

cabeca da Fiel...

FALCÃO X PERQUITO

Se fosse palmeirense, receberia Falcão x Furco. Como não sou e por achar que só o palmeirense tem o direito de usar o apelido corinthocorinthense, fico com o tradicional Perquitão.

É conhecida a história de um jogo entre Palmeiras e o Inter de Paulo Roberto Falcão.

O Palmeiras de Telê Santana virou de golador o Flamengo de Zico por 4 a 1 no Maracanã e receberia o Inter no Morumbi, em 1970.

O jornalista “Jornal da Tarde” deu de a manchete: “Mococo ou Falcão?”.

O Inter ganhou por 3 a 2, de viru-

de
fo
go
pe
7
Bá
cã

de
fo
go
pe
7
Bá
cã

RIO SIMULA ATO DE TERRORISMO

DO RIO - As Forças Armadas fizeram neste sábado (16) uma simulação de ataque terrorista na estação de trem de Deodoro, principal acesso aos torcedores às competições de Mipiano, tito e camagueiadores. Outras cinco estações serão controladas pelos militares nos Jogos. O treinamento envolveu 100 pessoas e simulou a explosão de bomba em um vagão. Os militares ocuparam a estação, resgataram feridos e capturaram dois terroristas. Os agentes ainda treinaram protocolos de ação integrada, funcionamento das comunicações e velocidade na tomada de decisões.



Perigo, não ultrapasse

Militares em simulação em Deodoro

‘Vamos torcer’, diz Nuzman, chefe da Rio-16, sobre risco de atentado

OLIMPIÁDA Para ele, não é possível controlar tudo em segurança; forças federais elevam gastos

PALO ROBERTO CONDE
EX-ATLANTA 2004
MARCO ANTONIO MARTINS
RIO

O presidente do Comitê Organizador dos Jogos do Rio-2016, Carlos Arthur Nuzman, disse neste sábado (16) que irá “torcer” para que tudo dê certo na Olimpíada, porque não é possível controlar tudo em questão de segurança. “Vamos torcer, porque o que acontece no mundo hoje ninguém controla”, disse o dirigente, que ressaltou que confia nos esforços feitos para evitar incidentes de segurança durante a competição. Nesta semana, após atentado que deixou mais de 80

mortos em Nice, na França, o governo brasileiro anunciou que irá rever o plano de segurança dos Jogos. Estaria em pauta aumentar o uso de barreiras para afastar veículos das praças de competição e a quantidade de torcedores.

Nuzman disse que a preparação cabe ao governo e que na sexta-feira (15) houve uma reunião de operação geral entre todos os entes envolvidos para avaliar o plano de segurança. “Temos 60 mil agentes de segurança nos Jogos.”

A declaração de Nuzman sobre a ameaça do imponderável na questão de segurança veio logo depois de o prefeito Eduardo Paes (PMDB) ter dito que o Estado fazia trabalho “horrorível” nessa área.

Nesta semana, outra notícia desfavorável para a percepção de quem vai aos Jogos foi a ameaça de agentes da Força Nacional de Segurança de pedirem baixa e voltarem a seus Estados por causa das condições ruins de alojamento e do valor da diária, inferior ao que esperavam.

GASTOS

A ameaça surtiu efeito. Na sexta (15), o governo elevou os valores da diária de R\$ 230 para até R\$ 350. Com isso, a União deve gastar R\$ 130 milhões apenas com o pagamento de diárias nos agentes. O valor é quase o dobro, por exemplo, do que as Forças Armadas irão gastar em sua operação nos Jogos. Neste sábado, pela primeira vez, os militares informaram o custo da operação no Rio-2016: R\$ 70 milhões, incluindo gastos com refeição, instalações e combustíveis, entre outros.

Não foi divulgado se houve aumento do valor, mas a atuação dos militares será ampliada após o ataque em Nice. Autoridades ouvidas pela Folha falam numa espera de intervenção militar para reduzir os riscos durante os Jogos. A principal preocupação é um ataque terrorista.

Nesta segunda (18), um agente da Abin (Agência Brasileira de Inteligência) embarca para a França com a missão de buscar informações de inteligência que possam ser úteis na Rio-2016.

“Vamos observar in loco” — está sendo feito e assistido por possíveis mudanças — diz o diretor Saulo Moura.

Os militares vão elevar o número de pontos de checagem de carros e pessoas nos Jogos. Veículos serão parados e poderão ser revistados.

Nos quatro bairros que concentram a competição (Copacabana, Deodoro, Barra da Tijuca e Maracanã), as Forças Armadas vão assumir instalações da polícia do Rio: o heliporto da Polícia Civil na Lapa (zona sul), próximo às raias do remo, já está sob o controle do Exército.

Brasil bate campeã França e pega ‘freguês’ na decisão

VÓLEI Seleção masculina decide Liga Mundial contra a Sérvia, contra quem venceu três finais

DE SÃO PAULO

contra oito dos italianos.

Para chegar ao decacampeonato, terminaram com um jogo de cinco anos sem título da Liga e ganhar medalha para os Jogos Olímpicos do Rio, mas começaram em 19 dias, o



TÊNIS

Mirando elite da Copa Davis, Brasil faz jogo decisivo

DE SÃO PAULO - O Brasil tenta avançar às finais da divisão continental (tipo de segunda divisão) da Copa Davis neste domingo (17), em Belo Horizonte, contra o Equador.

A partir das 12h (com SporTV 3), no Minas Tênis Clube, Thomas Bellucci enfrenta Thomaz

Fonte: Jornal Folha São Paulo, 2016a. Disponível em: <http://www.folha.uol.com.br/>.

Na cobertura do pré-evento, foram encontradas também reportagens relacionadas a “obras urbanas”, referente à infraestrutura e construções de obras que ficaram somente no papel e não foram terminadas a tempo de sediar o evento. Conforme a cobertura que foi analisada no período do pré-evento foi possível identificar na reportagem do dia 5 de julho, na página B3, que apresenta como título “Verba privada turbinou gastos com arenas”. Nesta reportagem, o jornal destacou que os gastos com a construção de arenas

da Vila dos Atletas, planejado para Olimpíada ficaram maior que o previsto no dossiê de candidatura da cidade do Rio de Janeiro apresentado COI em 2009. Os custos das instalações crescerão 54% em relação ao previsto. O gasto nas obras Olímpicas subiu de 1,4 bilhão para 4,2 bilhões. No entanto, o investimento público caiu de 2,9 bilhões para 2,3 bilhões. De certa forma, os valores foram deflacionados.

Segundo Domingues, Betarelli Junior e Magalhães (2011), essa visibilidade que os megaeventos proporcionaram ao Brasil apresenta seus benefícios, ou seja, proporciona a oportunidade do país colocar em prática o que está no papel. Envolve toda uma infraestrutura urbana, obras, reformas/construção de estádios, fluxos turísticos, investimentos privados que é cobrada para poder sediar o evento. No entanto, é preciso organização e planejamento futuro, para que as obras continuem sendo utilizadas e mantidas após os megaeventos.

De maneira geral, no pré-evento, a Folha de São Paulo veiculou informações sobre a organização do evento como um todo e sobre as obras. O jornal trouxe informações demonstrando que, mesmo estando em um momento turbulento de crise econômica e política, é necessário que a sociedade brasileira repense suas ocupações e investimentos nos JO, o qual proporcionou à cidade-sede avanços na infraestrutura. No entanto, os benefícios poderiam ser melhores na área da saúde se fossem colocados em prática todos os planejamentos e organizações para que o evento ocorresse de acordo com o que foi apresentados na candidatura do Rio de Janeiro, para ser cidade sede dos Jogos Olímpicos Rio-2016. Dessa forma, teriam beneficiado a população, buscando melhorar demandas urgentes e óbvias relacionadas às estradas, habitação, esporte, saúde e educação que merecem tratamento semelhante ao tratamento que os JO recebem quando planejados.

“Durante o evento” refere-se ao período dos Jogos Olímpicos Rio/2016, que teve início no dia 5 de agosto e término no dia 21 de agosto, ou seja, a cobertura durante todo

o evento. Foi possível identificar a preocupação da cidade-sede e do Comitê Olímpico Internacional, através das reportagens. O jornal apresentou no dia 5 de agosto, na página B9, a informação de que a Polícia Federal tinha colocado em prática várias ações de segurança para os jogos, incluindo helicópteros e balões. Essas iniciativas foram baseadas na coleta ininterrupta de imagens e dados com o objetivo de prevenir atos violentos, incluindo terrorismo, a fim de manter a segurança das pessoas envolvidas no evento e da população da cidade local. Os megaeventos esportivos de certa forma são um meio de veículo para ampliar possibilidades do país que é sede destes megaeventos, agilizar o que precisa ser desenvolvido e ao mesmo tempo fazendo com que o mundo veja esta organização através das mídias, buscando melhorar o que precisa ser aperfeiçoado como; habitação, transporte, segurança, convivência, educação, sucesso econômico e outras, oportunizando que estes legados podem beneficiar se forem bem aproveitados (RIBEIRO; SOARES; DACOSTA, 2014).

De acordo com Silva (2017), foram criados pela cidade do Rio de Janeiro e pelo COI sistemas metodológicos para realização dos JO, os mesmos sistemas que ficaram de legado olímpico para a cidade-sede dos jogos. Cabe salientar que, no momento em que expectativas não são atingidas como esperado, a mídia faz comparações com eventos que ocorreram anteriormente. No entanto, se as mesmas forem analisadas, é possível identificar a situação em que o Brasil se encontrava, tratando-se de um país subdesenvolvido, ou seja, um país com desigualdades, violência e poluição. De acordo com a realidade que a cidade do Rio de Janeiro se encontrava, havia muito a ser trabalhado, no entanto o representante do Rio de Janeiro e os representantes do COI buscavam desenvolver um trabalho focando na organização e segurança, a fim de evitar imprevistos, buscando mostrar a através da mídia uma imagem bonita, porém as pessoas

que moram na cidade e a conhece, sabem da verdadeira situação, onde houve melhorias, porem sempre terão aspectos bons assim como planejamentos que deixara a desejar.

De acordo com a reportagem que o jornal trouxe no dia 6 de agosto na página B3, o Brasil se sobressaía na abertura dos Jogos Olímpicos Rio/2016. O jornal enfatizou que o país demonstrava ter mais pontos positivos do que pontos negativos. Deixou claro, na abertura dos Jogos Olímpicos Rio/2016, que o país estava sendo bem representado desde a Amazônia à favela, com Gil e Caetano representando o país em busca de uma identidade.

Nessa assertiva, Mello (2017) afirma que a realização dos megaeventos esportivos oportunizou ao Brasil uma mudança histórica e oportunidade de mostrar ao mundo suas belezas naturais, superando os desafios estruturais, que foram colocados antes mesmo do evento acontecer e hoje estão estruturados nas instalações Olímpicas. Desde a escolha da cidade do Rio de Janeiro, o Brasil se comprometeu em investir em infraestrutura e melhorias nos sistemas comprometendo-se em oferecer espaços adequados para diferentes atletas em busca da realização do evento como um todo. A seguir apresentamos a Figura 2 que representa a reportagem do dia 06 de agosto de 2016.

Figura 2: Reportagem do Jornal Folha São Paulo, 06 de agosto, página B3, 2016b.



Fonte: Jornal Folha São Paulo, 2016b. Disponível em: <http://www.folha.uol.com.br/>

De maneira geral, durante o evento, a cobertura direcionou-se às questões voltadas à abertura do evento e à segurança da população envolvida no megaevento. Dessa forma, foi possível identificar que, mesmo os responsáveis pelos jogos, tendo investido na segurança do evento como um todo, na quinta-feira dia 11 de agosto, na página B8, a notícia apresentada aos leitores do Jornal Folha de São Paulo foi que três policiais das Forças Armadas que trabalhavam na segurança das Olimpíadas foram baleados por traficantes, que entraram por engano na favela Vila do João, considerada parte do complexo da Maré, zona norte do Rio de Janeiro.

Por outro lado, em outra reportagem do dia 19 de agosto, página B8, uma pesquisa foi realizada pelo Ministério do Turismo. Esta reportagem mostrou que o Brasil passou no teste de imagem do Rio. Segundo levantamento, o Rio de Janeiro agradou a 83% dos entrevistados. Cerca de 56% dos entrevistados eram estrangeiros e os mesmos visitaram o Brasil pela primeira vez, afirmando que querem voltar. Todavia, mesmo aprovando o Brasil, os turistas criticam as ruas e os preços elevados de passagem e hotéis.

A **cobertura do pós-evento** ocorreu no período do dia 23 de agosto a 30 de setembro. Nesse período, o jornal apresentou reportagens sobre estrutura que trata de obras que ficaram prontas para o evento. No entanto, precisavam ser mantidas financeiramente após o evento. De acordo com o enfoque acerca das estruturas, o jornal apresentou, no dia 20 de setembro, na página B4, no primeiro dia após a Olimpíada, uma reportagem relatando que o metrô e BRT do Rio de Janeiro estavam operando sem integração de tarifa na linha 4 que liga a zona Sul. A barra da Tijuca era restrita a usuários com ingressos dos jogos. A Figura 3 a seguir apresenta a reportagem do dia 20 de setembro de 2016.

Figura 3: Reportagem do jornal Folha de São Paulo dia 20 de setembro, página B4 2016c.



Fonte: Jornal Folha São Paulo, 2016c. Disponível em: <http://www.folha.uol.com.br/>

Conforme Domingues; Betarelli Junior e Magalhães (2011), a construção de novas obras e ampliações de infraestrutura fazem girar a economia. No entanto, elevam os custos gerando redução de outros serviços públicos, aumentando o empréstimo do governo e gerando impostos mais caros. A organização e o planejamento evitam este tipo de problema após megaeventos esportivos. De acordo com este pensamento, Tod, Scarton e Merlin (2017) afirmam que, ao pensarmos em legado, imaginamos tudo a ser melhorado a partir de um evento específico. Contudo, não necessariamente esses frutos

virão após a realização do mesmo. Por isso, desenvolve-se todo um projeto, uma organização com bastante antecedência do início das competições.

Nesse ínterim, Casagrande e Wasner (2017) descrevem que, ao sediar um megaevento como os Jogos Olímpicos, é preciso instrumento de gestão para avaliar o impacto ambiental, evitando problemas futuramente. É necessário ter uma visão para o futuro e analisar se a infraestrutura que foi criada será útil e utilizada, ou se somente afetará o meio ambiente e depois servirá apenas para ocupar um espaço não ajudando a população para a qual a obra foi destinada.

Como é possível identificar na reportagem do dia 27 de setembro na página B3, após gastar 10,4 bilhões na linha 4 do metrô do Rio, o preço para usar metrô e BRT afastou usuários do legado Olímpico no Rio, onde a tarifa integrada entre os sistemas foi a que menos apresentou desconto. Assim, acabou distanciando a classe baixa que deveria ser a classe que mais tiraria proveito deste investimento da Rio-2016. No entanto, o valor, mesmo sendo alto para a maior parte da população, teve um custo operacional desses transportes e alguém teve que pagar.

Por outro lado, tiveram presentes na cobertura do pós-evento reportagens sobre “saúde pública”, no período do dia 23 de agosto a 30 de setembro, principalmente voltadas à saúde da população brasileira e de turistas. A notícia que o jornal trouxe no dia 3 de setembro, na página B9, apresentou como título “Não deu Zika”. Nos meses que antecederam os jogos, o vírus-Zika assustou muitos atletas que optaram em não participar do maior evento esportivo do mundo. Considerada uma das ameaças mais citadas no período que antecedeu os Jogos Olímpicos no Rio-2016 em agosto, o vírus-Zika não contaminou nenhuma pessoa que esteve na cidade durante a competição. A diminuição de casos deste vírus já era esperada para agosto, uma vez que a procriação do mosquito *Aedes Aegypti* fica prejudicada nesta época do ano devido ao inverno.

De acordo com a cobertura que o jornal fez pós-evento, as Olimpíadas no Rio de Janeiro deixaram uma imagem de bonita de uma cidade que no início gerava incertezas no mundo. O país soube atingir os objetivos, mesmo acontecendo alguns episódios não desejados como por exemplo erro na segurança e soldados feridos. O jornal enfatizou através da notícia do dia 23 de agosto, página A16, que aconteceram situações não desejadas infelizmente. No entanto, isso aconteceria em qualquer país, às vezes fugindo do controle. A versão de 2016 se saiu bem comparada às versões anteriores.

Considerações Finais

De acordo com o objetivo deste estudo, o qual foi interpretar e analisar como o Jornal Folha de São Paulo retratou os Jogos Olímpicos Rio 2016, como evento esportivo na cobertura esportivo-midiática da Folha de São Paulo, durante o período do dia 1º de julho a 30 de setembro de 2016. Buscando trazer os resultados encontrados a partir de uma pesquisa qualitativa descritiva, a análise deu-se através de períodos temporais, de acordo com o que estava acontecendo em cada período interpretado e analisado, a partir da cobertura esportivo-midiática que o jornal apresentou em cada período, sendo denominado por: pré-evento, durante o evento e a cobertura pós-evento. Desta forma é possível relatar que no **pré-evento**, as reportagens apresentadas pelo jornal aos seus leitores levaram-nos a reconhecer a presença de um discurso voltado às incertezas de sediar um evento importante como os Jogos Olímpicos, que de certa forma acarretou gastos financeiros e mexeu com a economia do país. A cobertura que o jornal apresentava estava direcionada a uma imagem de medo, quando me refiro a medo estou falando na questão de ser surpreendido durante o evento e de certa forma ser transmitido pelas mídias uma das realidades do dia-a-dia da população brasileira, que vem ser a violência, falta de planejamento e organização.

Na cobertura **durante o evento** o país conseguiu dar a volta por cima e foi capaz de sediar o megaevento esportivo, ocorreram imprevistos, porém, foram inferiores se comparados a versões anteriores dos jogos. O país destacou-se, mostrando sua realidade e buscando sua identidade na abertura do megaevento, contou com o brilho dos cantores Caetano, Gil e Anita, desta forma mostrando que o Brasil é um país de diversidade cultural e que tem condições de acolher eventos como os Jogos Olímpicos. A abertura apresentou a beleza brasileira e simplicidade que poucos conheciam, a mídia se destacou por levar aos telespectadores cobertura colossal, dando a oportunidade de 3,5 bilhões de telespectadores assistirem pelo menos um minuto do evento e o que estava acontecendo durante os Jogos Olímpicos Rio-2016 no estádio do Maracanã.

Após o término dos JO a cobertura **pós-evento** se direcionou para buscar o que ficou de legado para o país, após os Jogos Olímpicos Rio-2016, de acordo com as imagens e notícias interpretadas e analisadas o jornal apresentou obras que estavam planejadas, mas não haviam saído do projeto, algumas concluídas a tempo e outras ficaram sem ser terminadas por falta de organização. Na cobertura que o jornal Folha de São Paulo trouxe aos seus leitores, foi possível identificar que de certa forma o país investiu bastante, algumas obras foram concluídas a tempo de sediar o evento, porém o jornal deixou claro questões que problematizam o valor investido nos Jogos Olímpicos e mostrou que a população merece um tratamento semelhante aos investimentos em períodos de megaeventos. Afirmou que se a educação, saúde pública e básica tivessem o mesmo tratamento relacionado a investimento público os resultados seriam melhores, mas o Brasil investiu na segurança por saber a realidade que o país se encontrava. Desta forma indo contra as necessidades da população envolvida, visando somente fins lucrativos. Contudo, o Brasil ficou com uma imagem boa, comparado a expectativa que as pessoas tinham no pré-evento, em que a cobertura mostrou a desconfiança e receio

em realizar os Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro, sendo que o país passava por crise econômica e política. Porém tanto a cidade do Rio de Janeiro quanto o país, ficaram bem visto perante os outros países pelo fato de não ter ocorrido nenhum ataque de atentado.

A partir de todos os estudos interpretados e analisados é possível relatar que quando o assunto é infraestrutura, sempre haverá aspectos a serem melhorados e que sempre são colocados em destaque para a população ver o que não foi feito e pode ser melhorado. Algumas obras ficaram somente no papel, mas por outro lado, a população do Rio de Janeiro teve melhorias em infraestrutura na cidades-sede. Um aspecto que acredito ser importante destacar é que na abertura do evento não foram utilizados gastos extraordinários, desta forma mostrando que não é preciso gastos além do que o necessário para ter um belo evento e sim uma organização e planejamento, visando suprir as necessidades da população, e ao mesmo tempo realizar obras e projetos que devem ser feitas e as vezes não é conseguido verba.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CASAGRANDE, J.; WASNER, F. Avaliação de Impacto e Gestão Ambiental de Evento Esportivo. *In: FÓRUM DE ESTUDOS OLÍMPICOS 2017: Estudos e Pesquisas. Anais...* Rio de Janeiro, Universidade Santa Úrsula, 2017.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL – COI. **Home Page**, 2019. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/comite-olimpico-do-brasil>. Acesso em: 15 nov. 2019.

DAMO, A. S. Produção e consumo dos megaeventos esportivos – apontamentos em perspectiva antropológica. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 8, n. 21, p. 67-92, 2011.

DIJK, T. A. V. **La noticia como discurso**: comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós Comunicación, 1990.

DOMINGUES, E. P.; BETARELLI JUNIOR, A. A.; MAGALHÃES, A. S. Quanto Vale o Show? Impactos Econômicos dos Investimentos da Copa do Mundo 2014 no Brasil. **Estudos Econômicos**, v. 41, n. 2, p. 409-439, 2011.

GARCÍA, B. La dimensión cultural de los macro - eventos em el 2004. Potenciales y limitaciones para uma experiência sustentável. **Boletín Gestión Cultural**, n. 6, p. 1-9, 2004.

JORNAL FOLHA SÃO PAULO, São Paulo, 17 de julho, página B2, 2016 a.

_____. São Paulo, 06 de agosto, página B3, 2016 b.

_____. São Paulo, 20 de setembro, página B4, 2016 c.

MELLO, P. M. D. O Desafio da Governança do Legado Olímpico. *In: MATARUNA-DOS-SANTOS, L. J.; PENA, B. G. As pegadas dos mega eventos*. Rio de Janeiro: Engenho, 2017.

MEZZAROBA, C.; PIRES, G. de L. Os Jogos Pan-Americanos Rio/2007 e o Agendamento Midiático-Esportivo: Um estudo de recepção com escolares. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, v. 33, n. 2, p. 337-355, 2011.

POYNTER, G. Regeneração urbana e legado olímpico de Londres 2012. *In: DACOSTA, L. et al. Legados de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. p. 121-151.

RAEDER, S. Desenvolvimento Urbano em Sede de Megaeventos Esportivos. *In: DACOSTA, L. et al. Legados de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. p. 200-209.

RIBEIRO, C. H. V.; SOARES, A. J. G.; DACOSTA, L. P. Percepção Sobre o Legado dos Megaeventos Esportivos no Brasil: o Caso da Copa do Mundo Fifa 2014 e os Jogos Olímpicos Rio 2016. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 2, p. 447-466, 2014.

ROCHA, G. Articulação para Sustentabilidade: Legados Intangíveis em Construção no Estado do Rio de Janeiro. *In: MATARUNA-DOS-SANTOS, L. J.; PENA, B. G. As pegadas dos megaeventos*. Rio de Janeiro: Engenho, 2017.

RUBIO, K. Os jogos olímpicos e a transformação das cidades: os custos sociais de um megaevento. **Scripta Nova Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, v. 9, p. 194, n. 85, 2005.

_____. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física Esporte**, v. 24, n. 1, p. 55-68, 2010.

SANFELICE, G. R. Campo midiático e campo esportivo: suas relações construções simbólicas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 31, n. 2, p. 137-153, 2010.

SANTOS, S. M. *et al.* Um panorama da cobertura jornalística esportiva da Copa do Mundo FIFA 2014 na Gazeta do Povo. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE e CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, Vitória, Brasil, 2015. **Anais...** Vitória: UFES, 2015.

SILVA, A. S. P. Meteorologia e esportes o Legado Olímpico da Rio 2016. *In: FÓRUM DE ESTUDOS OLÍMPICOS 2017: Estudos e Pesquisas*, Rio de Janeiro, Universidade Santa Úrsula, 2017. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 2017.

TAFFAREL, C. N. Z.; SANTOS JUNIOR, C. L.; SILVA, W. A. Megaeventos esportivos: determinações da economia política, implicações didático-pedagógicas e rumos da formação humana nas aulas de Educação Física. **Em Aberto**, v. 26, n. 89, p. 57-66, 2013.

TODT, N., SCARTON, A.; MERLIN, G. Do Pessimismo da Razão ao Otimismo da Vontade: Experiências de Legado do Rio 2016. *In: MATARUNA-DOS-SANTOS, L. J.; PENA, B. G. As pegadas dos megaeventos*. Rio de Janeiro: Engenho, 2017.

TOLEDO, R. M.; GRIX, J.; BEGA, M. T. S. Megaeventos esportivos e seus legados: uma análise dos efeitos institucionais da eleição do Brasil como país-sede. **Revista de Sociologia Política**, v. 23, n. 56, p. 21-44, 2015.

WAGNER-PETERSEN, R. Pegadas Simbólicas: Representações da Mídia Sobre o País-Sede. *In: MATARUNA-DOS-SANTOS, L. J.; PENA, B. G. As pegadas dos megaeventos*. Rio de Janeiro: Engenho, 2017.

Endereço dos(as) Autores(as):

Dienifer Letícia de Freitas Rodrigues
Endereço Eletrônico: dieniferfreitasrodrigues@gmail.com

Janaina Andretta Dieder
Endereço Eletrônico: janaina.dieder@gmail.com

Maurício Barth
Endereço Eletrônico: mauricio@feevale.br

Gustavo Roese Sanfelice
Endereço Eletrônico: sanfeliceg@feevale.br